



O MÁGICO, A MOEDA, A SALA DO DINHEIRO E AS NEGOCIAÇÕES SIMBÓLICAS DE SLEIGHT OF HÁND

POUCOS ARTISTAS BRASILEIROS TIVERAM TANTA PRESENÇA MIDIÁTICA INTERNACIONAL ESTE ANO COMO ILÊ SARTUZI AO APRESENTAR, EM JUNHO, SEU TRABALHO DE CONCLUSÃO DO MESTRADO NA GOLDSMITHS, ESCOLA DE ARTES DA UNIVERSITY OF LONDON, NA CAPITAL INGLESA. O gesto que chamou atenção e baseia todo o projeto é simples de descrever: o jovem artista estrangeiro vai a um imponente museu europeu, no caso, o British Museum, substitui uma moeda histórica por uma réplica, e em seguida deposita a original na urna de doações para visitantes, sem ser flagrado na artimanha.

A imprensa, especializada ou não, pesou no jargão jornalístico nomeando a ação como furto, roubo e assalto, o que intensificou a circulação das manchetes nas redes sociais; o museu, por sua vez, condenou-a publicamente. A

narrativa de *Sleight of Hand* [prestidigitação, ou truque manual de magia], com o perdão do trocadilho, acabou escapando das mãos do artista, e o efeito viral contribuiu para que o trabalho animasse o debate atual sobre arte e a crítica institucional, mais precisamente a devolução de artefatos subtraídos de seus contextos locais e os limites do alcance do gesto artístico.

Em certa medida, o ato espelha metaforicamente a maneira como grande parte dos objetos resguardados pelo museu chegou lá, e este primeiro aspecto do projeto já aponta uma possível perspectiva decolonial de relação com a obra. Entretanto, como dizem por aí, o diabo está nos detalhes, e boa parte da transgressão mora na linguagem. Para além daquilo que os holofotes revelaram, o que o trabalho oferece são estratégias mais alegóricas e abrangentes, que operam através

dos personagens, objetos e interações que surgem na história. No vídeo em dois canais de cerca de sete minutos que integra *Sleight of Hand*, Sartuzi expõe friamente o planejamento e a execução da empreitada. A localização, a sala do dinheiro, precisamente a ala em que os objetos podem ser manuseados pelo público, é que define o alvo. Ele se refere ao orientador de público como “o mágico” nas diversas visitas que realizou ao local. Se a própria situação da proposta pedagógica do museu tem algo de fantástico – a possibilidade de tocar a história –, o artista dobra a aposta de ilusão e ele próprio realiza uma espécie de contrafeitiço. É assim que uma negociação de ordem simbólica, um truque, pode acontecer.

As relações entre as esferas pública e privada da vida social, o emaranhado inconsciente que sustenta as relações de poder e uma investigação sobre o funcionamento e a infraestrutura

das coisas em si são temas que já vêm aparecendo na obra de Sartuzi, e podem ser evocados a partir de seu interesse por imagens que se repetem nessa pesquisa, desde o corpo fragmentado (pernas – pés, braços – mãos), à sobreposição de planos reais e virtuais (da fotografia ao 3D). É o choque entre verdade e ficção, o emprego de variadas técnicas e soluções para forjar a teatralidade da situação, que intriga e perturba. O curto-circuito que *Sleight of Hand* suscita se completa com uma inversão, o deslocamento de posição da moeda original dentro do museu. Um tanto irônica, a devolução faz com que a moeda entre novamente no museu, desta vez não como objeto pilhado, mas ofertado na caixa de doações. A transação entre o micro e o macro, o artista e o museu, encerra-se como num passe de magia: os problemas foram devolvidos ao seu lugar de origem. ■



Still da videoinstalação que compõe exibição de *Sleight of Hand* (2023 - 2024), de Ilê Sartuzi